

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES—ALFREDO TOLEDO E JUNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 28 DE ABRIL DE 1889

REDACÇÃO Á RUA DO OUVIDOR—(HOTEL AURORA)

N. 8

LIVRO DA PORTA

Assignatura (Capital) mez..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 2\$000

POLYANTHEA

Desterro, 28 de Abril

CRITICA LITTERARIA

O que seja a critica litteraria, ou, mais acertadamente, a estho-psychologia, é de todos, os que se dedicam ás letras, sabido, ainda mesmo que o seja superficialmente.

Podemos, sem medo de errar, dizer que entre nós não ha criticistas.

Muito poucos têm tentado esse genero de litteratura; entre elles sobresahe, sem duvida, o dr. Sylvio Romero, a quem, entretanto, se não pô

peccar por sentir não trarias a outras por elle mesmo expendidas.

De quando em vez, porém, os nossos jornaes e revistas litterarias trazem estampada em suas secções bibliographicas, quando se não limitam a uma simples noticia do recebimento, uma ou outra apreciação sobre os livros dados á publicidade.

E' de notar-se que, quando algum livro alcança alguma cousa mais que a noticia de ter sido offertado á redacção, ou o articulista tece-lhe encomios taes que denunciam ao leitor o menos perspicaz ser aquella uma apreciação de amigo, ou, mais positivamente, pertencerem ambos, o articulista e o auctor, á mesma «egrejinha», á mesma panellinha, como se diz na gíria popular, de elogio mutuo; ou, á guisa de uma critica severa, mas desapaixonada, nos apresentam uma critica mordaz, toda vasada nos sentimentos pessoais do escriptor.

Resulta disso que o leitor, não podendo avaliar o merito do symbolo artistico, por falta de sinceridade e, mais até, de hombridade de caracter dos que apresentam, como

impressões de aturada leitura, elogios ou vituperiões sem razão bastante de ser, nas bibliographias insertas nas columnas dos nossos periodicos, dizemos, resulta disso que o leitor não liga a importancia devida a tão difficil genero de litteratura; e é essa uma das razões porque quasi ninguem se anima a cultivá-lo.

Na Allemanha vemos prosperar «o criticismo» applicado á restauração do homem, e por conseguinte de sua collectividade: dos povos.

Na França e na Inglaterra tem attingido a critica scientifica a um alto gráo de perfeição, o systema de Emile Hennequin veio completar o de Taine.

Aqui, porém, a critica não tem e nem segue systema algum, e de feito não pôde ser de outra maneira, pois que jamais foi scientifica.

O colleguismo, as relações de ami-

volume de versos de pé quebrado, ou de uma prosa enfadonha, remedio infallivel contra a insomnia.

Para não deixar de corroborar com exemplos o que acabámos de expôr, citamos as apreciações dos «Poemas e Idyllos» do dr. Rodrigo Octavio, por Olavo Bilac e uma serie de artigos publicados na «Semana» (*) pelo dr. Franklin Tavora, sob a epigrapha — Escriptores do Norte do Brazil—.

As causas que determinam a critica mordaz e, portanto, vil são immensamente ridiculas: desaffectedos pessoas, inveja, rivalidade, finalmente são taes que nos causam «cegas nos labios»!!!

Este genero de critica, si se pode dar esse nome a um escripto, cujas palavras extravasam a bilis do auctor, depõe muito contra o «genio» daquelles que não hesitam em firmá-lo com seus nomes, embora o auctor não seja um «quidam»:

Sabemos perfeitamente que ha escriptores sinceros em suas apreciações, Horacio de Carvalho, illustre

(*) Gazeta litteraria que se publicava na Côte.

mineiro; o romancista do «Chromo» é um destes «rari nantes in gurgite».

Criticos ha verdadeiramente satyricos, que, muita vez tendo diante de si um estreante, e reconhecendo, com desplante enorme, ser o mesmo intelligente no superlativo, perseverante, estudioso e cujo talento diz presar, devendo, por consequencia, dar-lhe a mão e guial-o para que no porvir possa ser um escriptor de merito, pegam da penna e com suas phrases, em que transparece o principal predicado de seus espiritos tacanhos—a maldade, apresentam-se a impedir os tentamens daquelles que em um futuro mais ou menos proximo poderiam ser uma—avis rara—na litteratura do paiz.

Dissemos acima —criticos ha—, mas, ainda que assim possamos expressar, não o devemos fazer, e que seria abastardar a muito a missão da critica, e mesmo na

cerebros mal conformados, um ou outro mais ousado, que faz publicar seus ensaios litterarios, quer em jornaes, quer em livro e que por fatalidade cahe na antipathia dos taes criticos.

Esses criticos são como os timidos, que, temendo a força do inimigo, atiram-lhe areia aos olhos e procuram vingar-se emquanto elle os limpa, pois, ao passo que tentam ridicularisar o escriptor novel, vam-no accumulando de adjectivos encomiasticos.

O que acabámos de escrever é simplesmente o resultado de nossas observações.

A «Polyanthea», como gazeta litteraria que é, apresentando aos leitores a necessidade da —Critica Litteraria Scientifica— e profligando energicamente a critica mordaz, cumpre seu dever de pugnar pelo progredimento das letras.

RÉUNION FRANÇAISE

Convidado pela redacção da POLYANTHEA para collaborar n'este jornal, tinha declinado d'essa honra,

porque reconheço que fallecem-me os requisitos necessarios para manejar a penna na bella e magestosa lingua de Camões.

Se já ousei fazel-o na PALAVRA em uma série de artigos sobre a Associação do Professorado Catharinense, foi apenas impellido pelo dever que de certo modo me assistia, como secretario da Associação, para que outros mais adestrados viessem tambem á imprensa demonstrar a utilidade d'essa Associação. Todavia, honrado com a nomeação de Delegado da «Alliance Française», associação que tem sua séde em Paris e cujo objectivo é—a propagação da lingua franceza no exterior, não posso, embora baldo de recursos, esquivar-me ao cumprimento de um dever e por isso aproveito o generoso offerecimento dos illustrados redactores da POLYANTHA para pedir-lhes a inserção d'este artigo e de mais algum que se me offereça occasião de publicar em seu jornal sobre o desenvolvimento da lingua franceza entre nós.

Parece á primeira vista que pouco ou nada haja a fazer pela propagação da lingua franceza n'esta provincia, e que seja certa a phrase de um distincto catharinense que, ao conhecimento d'essa propagação me disse: «é uma lingua—a franceza—que não carece de quem a ensine, ella se

minadas condições, pessoas de todas as nacionalidades, comtanto que na RÉUNION se não falle senão francez.

Ahi poder-nos-íamos reunir em caracter familiar, em dias e horas determinados, para ouvir leituras, conferencias, representações theatraes ou outra qualquer distracção propria de taes reuniões.

A creação de uma bibliotheca franceza, como corollario indispensavel da RÉUNION, seria objecto de pouco trabalho, pois a associação «Alliance Française» havia de pressurosa remetter-nos livros para esse fim, como o faz para todas as partes do mundo em que se reúnem pessoas de boa vontade com o fim de propagar o francez e como, a meu pedido, propõe-se a fazel-o brevemente para a Bibliotheca da Associação do Professorado Catharinense.

Eis, emfim, exposta em toscas linhas, a idéa da RÉUNION FRANÇAISE—idéa que me foi suggerida pelo duplo desejo de ser util ás pessoas amantes da lingua franceza e de concorrer com o meu grão de arêa para o grandioso edificio de civilização a que se propõe a «Alliance Française».

Desterro, 25 de Abril de 1889.

LÉON EUGENIO LAPAGESSE.

Seus cabellos setinosos de um preto alourado cahiam-lhe pelas costas em lindas tranças, presas por laços de fita côr de rosa.

Sua carnção de uma robustez palpitante e rigida attrahia os olhares sensualmente curiosos, quando ella passava pelas ruas da localidade em companhia de uma irmãsinha.

Uma tarde, fazendo eu o costumeado passeio, incitou a curiosidade de meu companheiro grande numero de pessoas reunidas no adro da igreja matriz.

Procurámos indagar a causa daquelle reunião fóra de costume e soubemos então que dahi a pouco formosa Arcelina ia casar-se com o Armando, um bello rapaz, robusto e endinheirado.

E de facto, á hora em que o sol no occaso por entre nuvens de roscas batia em cheio seus raios no frontespicio do templo, no altar-mór um sacerdote, paramentado de sobrepelliz branca como um véo de virgem, e estola de filigranas de oiro, tendo ante si ajoelhados Arcelina e Armando, pronunciava as palavras sacramentaes que os devia unir para sempre.

Nos primeiros tempos de casada, durante a lua de mel, quando ella de braços dados passeava com seu noivo, os grupos de velhos e rapazes, postados aqui e ali ainda acom-

que a lingua franceza conta sympathias solidas entre os Brasileiros e que raro é aquelle que a não tenha estudado mais ou menos.

Entretanto, tenho ouvido n'esta provincia pessoas, aliás mui intelligentes, brasileiros distinctos que honram o seu paiz e a quem eu muito respeito, queixarem-se da difficuldade que sentem de exprimir verbalmente os seus pensamentos em francez, embora tenham o conhecimento theorico d'essa lingua.

E' porque vivemos n'um meio em que infelizmente é mui diminuta a colonia franceza e que nos falta portanto a necessaria pratica.

Mas não haverá um meio qualquer de obviar essa difficuldade? será impossivel transpôr essa barreira que se antepõe aos bons desejos dos brasileiros em geral amantes da lingua franceza?

Agora que a «Alliance Française» conta com um numero respeitavel de socios n'esta capital, parece-me azada a occasião para fundar-se um ponto de reunião sob o titulo de RÉUNION FRANÇAISE ou outro que mais apropriado achem e em que sejam admittidas, em certas e deter-

este amor que tão firme me procura, mais tormentos me dá, mais amargura, mais o viver me torna acerbo, escuro.

Si o vejo ardente, —esp'ranças aventure; porém se frouxo á est'alma se afigura, oh! que impiedosa eu vejo a desventura juncar de abrolhos meu viver futuro!...

Embora o teu sorrir me venha affabil banhar o coração de grata esp'rança, mostrar-me um Eden de ventura estabil,

embora! eu tenho n'alma uma lembrança —uma gotta de fel— inexorabil, —esta incerteza amarga que me cança!

89

DELMINDA SILVEIRA

ARCELINA

A ABILIO GOMES

Era bella, bella a mais não poder ser!

Bem clara era sua derme, e sempre a morna e avelludada cutis de suas faces conservava-se levemente purpurea.

De estatura esbelta e andar aristocratico, era de vêr-se a virgem a mais formosa entre todas.

depois do consorcio, ja Arcelina finhava a olhos vistos, uma aureola côr de bistre circumdava seus grandes olhos e sua epiderme antes tão macia tornára-se aspera.

Uma tosse continua, seguida da expectoração de uma secreção mucosa e sanguinea, encommodava-lhe dia e noite.

O exercicio, menor que fizesse, causava-lhe immensa fadiga, e a prostrava por muito tempo, completamente.

Os medicos, chamados a tratá-la, auscultaram-na e achando os brônchios inflammados, aconselharam ao esposo a mudança de ares.

Ella, porém, não o quiz, dizendo achar-se melhor e tendo sempre a esperanza de que em pouco estaria sã, inteiramente sã.

Armando, então, resignado, levava-a nos braços, do leito para a sala, onde ella sentava-se em uma poltrona e ahi elle ouvia-lhe em religioso silencio as palavras de uma doçura ineffavel, entrecortadas pela fadiga, e ella de quando em quando unia seus labios descorados e sem vida aos delle e assim ficava até que a tosse a impedisse.

Assim passaram-se muitos dias.

Uma tarde, á hora em que o sol no occaso por entre nuvens de oiro batia em cheio seus raios no frontispicio do templo, dentro, um sacerdote paramentado de preto entoava o «De profundis» ante o fereiro que conduzia a formosa Arcelina para a tetrica região do tumulo!

Arcelina morrêra tísica e Armando tinha ficado viuvo pelo seu grande amor á esthetica!

ALFREDO TOLEDO

POEMETO EM PROSA

A ARISTOTELES CALDEIRA

Percorrendo o mundo inteiro—o mundo da phantasia—, encontrei em certo dia um velho doudo de amor, com oitenta já no costado, portanto fardo pezado, o illustre commendador.

Gostou logo de uma moça, que dos vinte não passava, e que até mesmo gozava d'estima «particular»; e tantas visitas fez, o nosso bom do burguez, que consegue até fallar.

A sua bella deidade em cousas de casamento, em cordiaes juramentos, feitos aos raios do luar... E como tinha dinheiro, acceitou-o bem ligeiro, prometendo logo...

Realisou-se logo, com o casamento foi obra de um momento, pois o nosso «financier», trazia a canto chorado o dinheiro assim tirado, para as despesas a fazer.

A mulher que era astuta, da burra tirava as notas, que dando taes viravoltas pelo ar inebriante, iam sempre bem cahir, depois do velho dormir, aos bolsos de seu amante;

Um rapaz bem sacudido, que todas as noutes ao luar, vinha-lhe a fronte beijar e em phrases ternas, sonantes, entre juras e beijos mil, apertava-lhe a mão gentil, como seu fiel amante.

Emquanto na escura alcova, o bom velhote dormia, a mulher então fazia conferencias ao luar. A' noute a lua em espreitagem, por entre a densa folhagem, contemplava o bello par.

Um bello dia os pombinhos, bateram a linda plumagem, em busca de nova aragem, na quadra vivida do amor, deixando assim solitario, na fria argilla—o usurario, o heroe commendador.

Ao levantar-se da cama, sem vêr a cruel consorte, lembrou-se logo da morte, e á ribeira atirar-se, mas depois considerou e bem melhor philosophou «quem manda querer casar-se».

O velhote que aos oitenta, com moça chic se casa, espere que bata as azas na quadra doce das flôres, quando a vida sorridente, canta nos ares contente, no céu azul dos amores.

FERNANDO CALDEIRA.

14—4—89.

PAPELOTES

Ninguem de certo, será capaz de contestar a utilidade do papel em todos os misteres de nossa vida.

Fabricado pela primeira vez no Oriente, desde tempo immemoravel, foram pelos egypcios transmittido aos romanos os processos praticos, que transformaram as fibras vegetaes em superficies brilhantes, flexiveis e de longa duração.

A planta de que os egypcios faziam uso para o fabrico do papel, e que crescia em abundancia nos pantanos do Egypto, chamava-se *papyro*, de onde se conclue que o nome—papel—tem sua origem na dita planta.

O melhor papel que então se fabricava, era destinado somente aos sacerdotes, que n'elle lançavam escriptos religiosos, obstando desse modo que fosse consagrado a escriptos profanos.

Por esse motivo, o papel foi por muitos annos, propriedade exclusiva dos sacerdotes, que em consequencia da consequir do governo leis, que prohibiam a venda a estranhos.

Não obstante e a despeito d'essas leis, os curiosos romanos, para gozarem d'esse precioso cabedal, compraram aos sacerdotes, livros religiosos, e depois de competentemente lavados escreviam em suas folhas, dando a estas o nome de *papel Augusto*.

Diversas occurrencias se deram durante longos annos, com relação ao fabrico do papel, que era então feito a mão, até que no anno de 1799, Luiz Robert inventou uma série d'apparelhos mecanicos com os quaes conseguiu fabricar grande quantidade de papel. Esses aparelhos porém, necessitavam de perfeição, o que conseguiu M. Didot de Saint-Leger, que comprando a Luiz Robert o privilegio de invenção, seguiu para Inglaterra, de onde voltou no fim de poucos mezes, satisfeitissimo por ter conseguido tão util aperfeiçoamento.

Mas, não é verdadeiramente a historia do papel nem a maneira porque elle fabricado, que eu quero contar, é apenas o extraordinario consumo que elle tem, muito principalmente na epocha que atravessamos.

Desde o tempo para cá, o consumo do papel tem com effeito sido extraordinario, devido aos *litteratos* (principiando cá por casa), *dramaturgos*, *poetas*, *jornalistas*, *empregados publicos*, *commerciantes*, *namorados* e *tutti quanti*. Não entra n'este numero o que consome o bello sexo nos chamados —*papelotes*—.

Qual será a menina elegante, que dez minutos antes de deitar não vá collocar-se a frente do espelho, com umas tirinhas de papel, afim de arranjar a sua franjinha? E algumas ha, que a enfeitam de papeis de côres diversas e por tal forma que ficam com a cabeça tão enfeitada como se fosse uma bandeja de doces.

Conheço tambem velhas pretenciosas que na idade em que deviam estar de roزاری a mão, pedindo a Deus perdão dos seus peccados, estão retalhando papel, para arranjar tambem a sua franjinha; e outras que usam em lugar de papel, o chumbo que servia de envolvero ao rapé que o taverneiro ali da vizinhança lhe fez presente, depois de ter vendido a ella mesma, a ultima pitada.

E' que o *papelote* vai assim ganhando popularidade e renome, até adquirir direitos a uma apothéose.

Entretanto se a moda pega no sexo feio, como aconteceu com as *pastinhas*, teremos de andar enfeitados como se fossemos cervos!

D'ahi, as enormes *dôres de cabeça!*...

Desterro, Abril 89

NUNO GAMA

A MULHER

ella manda os homens...
deviam...
nhem, aos acontecimentos...
desenvolvam e aos destinos que...
cumpram.

Este é o poder das Judith e das Ether.

A Hespanha não passaria tão brilhantemente para as paginas da historia, se não tivesse Florinda que com o magico esplendor de uma formosura inexcédível, deo á sua Patria o mais sublime espectáculo de lutas ingentes, em que não só o coração, mas o pensamento, jogando de mil modos cobriram o nome hespanhol de glorias immortaes.

A Roma, a depravada Roma, vio um dia a Justiça brilhar no tope de seus sumptuosos edificios, quando Lucrecia foi heroína.

A Grecia abatida, desnordeada, não teria vingado as affrontas e violencias feitas a Helena, se esta mulher não fosse uma gloria de seus concidadãos.

Sichem não teria se abalado, se não fosse a alma heroica daquella que a historia chama Dina, e que realmente provou a grandeza de seu nome, não só pelas graças eminentes, de que a cercou a natureza, como ainda pelo brilho de sua intelligencia

De qualquer face que se julgue a

mulher, se nos apresenta principio, meio e fim de toda a humanidade.

Ella nos gera, nos conserva, nos lança ao mundo, aonde os seus primeiros cuidados são o preludio de uma existencia, que se não fôra ella, seria comparada á um nucleo de desenvolvimentos que em nada se distinguiria do resto dos seres creados.

A mulher é a alampada brilhante que se suspende acima dos braços da humanidade, allumiando-a sempre e sempre.

E' essa Venus que jamais deixou de preparar o caminho suberbo do astro-rei, que a sauda primeiro, antes de visitar o nosso hemispherio.

Desterro, 24 de Abril de 89.

SILVIO PELLICO

LEDA E O CYBENE

I

Pelo solo relvoso espreguica-se o Eurotas:
—Nadam sobre o seu dorso aligeras gaiotas...

II

...do matagal vigoso, que o circunda,
re-se todo dia, uma orchestra jocunda.

III

...scoras da malta, os passaros, em bando
sempre a sorrir, retinido e cantando...

IV

aurora ...

...rea melodia.

V

Vem alegremente a «a ave do paraizo»,
Linda como uma flor, meiga como um sorriso.

VI

Esvoaçando e zumbindo, os lucidos insectos
Vagam por toda parte, aureos, vivos, inquietos...

VII

A' tarde, a corça vem beber no claro rio,
Que mansamente desce em manso murmurio...

VIII

Os cybnes brincam n'agua, airoosamente... Agora
Desponta ingenuamente a virginal aurora!

IX

Ella não tarda a vir banhar-se e os alvos seios,
Trémula, desnudar, em naturaes receios...

X

—«Ella vem! ella vem! trillou a passerada,
—«A irmã da Primavera e a filha da Alvorada!»

XI

Treme a ramagem; ella, afastando as cortinas
Do bosque, chega e mira as aguas diamantinas...

XII

... E o rio diamantino, ao vel-a, assim, graciosa,
Lança vagas de espuma á «amplidão silenciosa»...

XIII

E, rindo-se, ella diz:—«Mimosa como a dhalia,
«Sou a mulher mais linda, entre todas da (E)balia...»

XIV

Tira as vestes depois, n'um gesto natural,
Deixando apparecer o corpo esculptural!...

XV

E o passaredo, ao vêr seu «tudo» alabastrino,
Ruidosamente rompe em jubiloso trino...

XVI

Poise-lhe na alva espadua uma branca phalena
E ella desata, rindo, a rutila melena...

XVII

Entra na agua,—sensual!—a soberana grega
E aos beljos da corrente o seu thesouro entrega...

XVIII

Fluctuam sobre a vaga as adoraveis pomas,
Trémenes de ambrosia e rescendendo aromas...

XIX

—Passa um cysne... e mais dois e tres, sobre as
Mansas aguas molhando as argentadas pennas...

XX

E ella nada tambem... A agua estremece e ri,
Lambendo o roseo corpo olympico da huri.

XXI

Chega-lhe perto agora um cysne grande e altivo,
—Olhar negro e luzido, olhar côntemplativo...

XXII

Ella afaga-o, jovial, e á margem viridente
Leva-o para brincar, mimosa e sorridente...

XXIII

.....

XXIV

«foi «brincando» assim que o grande Theos do
Esbelto, transformado, insiuante e limpo,
Ao som da selvagem orchestra,
Gerou Pollux, Castor, Helena e Clytemnestra.

JOSÉ SEVERIANO DE RESENDE

FACTOS

Carlos de Faria

Recebemos da cidade da Laguna um telegramma do mavioso poeta Sr. Carlos de Faria.

Apreciadores do talento masculino e rutilante do distincto catharinense, alegramo-nos immenso ao lêr suas palavras que trouxeram-nos a boa

nova de accoitar o convite que nos mos de collaborar em nossa folha.

Esperamos, portanto, poder mimosear os nossos leitores, com suas inspiradas poesias, filhas de uma intelligencia robusta e sã, e lidas com prazer pelos leitores amantes das bem cinzeladas e esplendidas composições poeticas.

Gratos, agradecemos suas benevolas palavras referentes a desprezenciosa redacção desta folha, e, esperando seja assiduo em abrilhantar nossas paginas, enviamos-lhe um fraternal aperto de mão.

«A Leprosa»

O apreciado dramaturgo e um dos vultos mais salientes da litteratura contemporanea catharinense, nosso talentoso collaborador, Sr. Horacio Nunes, brindou-nos com um exemplar de seu magnifico e bem imaginado conto — A LEPROSA —, que acaba de sahir do prélo.

Por hoje limitamo-nos a agradecer a amabilidade da offerta, e, em o proximo numero daremos nossa apreciação sincera.

Associação do Professorado Catharinense

O muito digno secretario dessa humanitaria e importante associação existente nesta capital, Sr. Léon Eugenio Lapagesse, teve a gentileza de enviar-nos o bem elaborado Estatuto que a rege.

Agradecidos almejamos todas as prosperidades á Associação do Professorado Catharinense.

«Esmeralda»

Com este titulo appareceu no dia 15, nesta capital um novo jornal litterario, noticioso e pilherico, collaborado por diversas pennas.

Desejando ao novo collega uma longa e brilhante existencia e que encontre no publico o apoio de que é digno, complimentamol-o fraternalmente.

A nosso respeito

De Porto-Alegre recebeu o nosso companheiro de trabalho Nuno Gama, do Sr. Ildefonso M. Teixeira, moço apreciador das bellas-lettras, uma carta, em que, occupando-se do nosso

... palavras congratulatorias, amadoras e demasiado benevolas.

Agradecendo, complimentamos o distincto cidadão rio grandense.

13 de Maio

Sabemos que prete-dem solemnizar nesta cidade o anniversario da promulgação da lei n. 3.353 de 13 de Maio do anno passado.

A B. S. C. Diabo a Quatro tomou a iniciativa dos festejos, o que achamos muito louvavel.

Deverá ser uma festa esplendida, pois o plano tomado, segundo nos referiram em nosso gabinete, é de grande effeito.

Sobre esse assumpto a directoria dessa mesma sociedade enviou aos proprietarios desta folha um officio em que os convida a animar o povo para tão grandiosa festa, o que, correspondendo ao desejo da digna directoria, o fazem.